

ÊNFASE EM GAYS E NÃO GAYS CISGÊNEROS: UMA INVESTIGAÇÃO POR MEIO DA PROSÓDIA VISUAL

PROMINENCES OF GAY AND NON-GAY CISGENDER INDIVIDUALS: A VISUAL PROSODIC INVESTIGATION

DOI 10.70860/ufnt.entreletras.e18882

João Pedro Santana Luciano da Silva¹
Vera Pacheco²

Resumo: Neste estudo, buscamos investigar se há um padrão prosódico visual (Krahmer *et. al.*, 2002) nas marcações de ênfases realizadas por sujeitos *gays* e não *gays* cisgêneros. Assim, selecionamos trezentos e quarenta e cinco ênfases retiradas de vídeos produzidos por três *gays* e três não *gays* cisgêneros *youtubers*. Realizamos análise de gestos faciais e manuais (Ekman; Friesen, 1976; McNeill, 1992; McNeill; Duncan, 2000; Bressem, 2013) presentes nas ênfases. Nossos resultados sinalizam maior expressividade gestual nas ênfases produzidas por sujeitos não *gays*. Por fim, concluímos que a realização da prosódia visual na marcação de ênfases não é determinada pela categoria “orientação sexual”.

Palavras-chave: ênfase; gestos; prosódia visual; *gays*; não *gays*.

Abstract: In this study, we aimed to investigate whether there is a visual prosodic pattern (Krahmer *et al.*, 2002) in the prominence markings performed by cisgender gay and non-gay individuals. We selected three hundred and forty-five prominences obtained from videos produced by three gay and three non-gay cisgender youtubers. We conducted analyses of facial and manual gestures (Ekman; Friesen, 1976; McNeill, 1992; McNeill; Duncan, 2000; Bressem, 2013) present in these prominences. Our results indicate greater gestural expressiveness in the prominences produced by non-gay subjects. Finally, we conclude that visual prosody in prominences marking is not determined by the category "sexual orientation".

Keywords: prominence; gestures; visual prosody; *gays*; non *gays*.

Introdução

No processo de comunicação, as pessoas usam diversos recursos para expressarem intenções, ideias, seus sentimentos etc. Sabemos que podemos alcançar nossas intenções comunicativas por meio da fala, manipulando nossas ações verbais. De forma semelhante,

¹ Doutorando e mestrado em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). E-mail: santana130796@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1731-1334>.

² Doutorado e mestrado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Pós-doutorado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. E-mail: vera.pacheco@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7986-7701>.

também podemos utilizar movimentos das mãos, dos braços e expressões faciais com a mesma finalidade. Neste caso, os gestos, acionados em diversos contextos comunicativos, são recursos importantes para a interação humana, contribuindo para um maior sucesso na comunicação. Diversos autores defendem a pertinência do uso gestual no contato interacional, a exemplo de Swerts e Krahmer (2008), Pacheco (2011), Pacheco e Oliveira (2016), Dias (2018) e Pagel *et al.* (2023). Os pesquisadores citados exploram a área de estudos em gestos, relacionando fenômenos comuns às ciências humanas e à saúde (gestos frente a questões linguísticas, psicológicas e de saúde como afasia, doença de Parkinson etc.).

Para Hostetter e Alibali (2008), um falante pode recorrer a movimentos corporais assim como a outras ações visíveis, como expressões faciais, para representar sua imagem mental sobre um objeto ou um acontecimento. Seguindo essa linha de raciocínio, Dias (2018, p. 15) afirma que há pessoas que falam com “mãos, caras e bocas”, o que é notável quando conseguimos inferir o teor de uma conversa estando a uma distância em que não podemos ouvir, mas apenas ver os interlocutores. Esse fenômeno se dá pela correlação entre fala e gesto, sobretudo quando associado a questões prosódicas.

No campo da Linguística, a interação humana, mediada por gestos e pela fala, pode apresentar características prosódicas subjacentes à matriz gesto-fala. Já são amplamente discutidos na literatura da área os termos “prosódia gestual” e “prosódia visual” (aqui considerados sinônimos), em que estudos evidenciam que pistas visuais de fato carregam informações prosódicas, sobretudo quando concomitantes ao conteúdo prosódico da fala (Pacheco, 2011; Dias, 2018, entre outros).

Reconhecendo que gestos atuam fundamentalmente na comunicação humana, no presente estudo, observamos como a prosódia visual se comporta quando expressa por um grupo específico: *gays* cisgêneros³. A escolha de nos voltarmos à prosódia visual desses sujeitos surgiu da percepção de que há uma ideia de que muitos *gays*, de forma geral, enquanto comunidade, são vistos como sujeitos muito expressivos ou que apresentam uma expressividade particular.

A fim de endossar a pertinência dessa percepção sobre os possíveis “gestos *gays*”, ideia que fundamenta nosso problema de pesquisa, encontramos relatos em artigos científicos nos

³ Com base em Reis (2018), as pessoas cisgêneros (doravante, cis) são aquelas que concordam e se identificam com o gênero que lhes foi designado a partir do anúncio do seu sexo biológico. Em outras palavras, por exemplo, uma pessoa que nasceu com pênis e concorda com o gênero masculino atribuído é chamada de homem cisgênero (ou homem cis). Utilizamos o termo (cis) a fim de especificar com quais sujeitos lidamos neste estudo, uma vez que *gays* não cis (ou seja, trans) não são nossos sujeitos de pesquisa.

quais Carvalho (2016), Moura e Nascimento (2021) e Olivalves (2023), entre outros autores, entrevistaram alguns sujeitos que destacaram a existência de trejeitos, jeitos e gesticulações específicos de *gays*, especialmente afeminados⁴.

A título de exemplo, vejamos a fala de um entrevistado de Moura e Nascimento (2021) sobre a expressividade gestual de homens *gays* afeminados: “as mãos não são presas digamos como as mãos do não *gay*, né... Vamos botar assim, a sociedade estipulou isso padrão. É... mais livre, a fala, abre os braços, aquela coisa gesticulando” (Moura; Nascimento, 2021, p. 7-8). Semelhantemente, Olivalves (2023) cita um dos seus entrevistados, que reflete acerca do gênero afeminado de um homem: “Quando penso em um homem afeminado, penso logo em um homem mais feminino, nos trejeitos, na forma de se vestir, o uso da maquiagem, vem muito essa imagem do *gay* com shortinho na balada sabe?” (Olivalves, 2023, p. 49). Notamos que, na fala do entrevistado, “*gay*”, especialmente quando afeminado, é um aspecto motivador para o julgamento acerca da expressão do gênero de qualquer homem. Sendo assim, observamos a presença de um dito social sobre a existência de um suposto “jeito *gay*”.

Com isso, fomos provocados pelas seguintes indagações: qual a pertinência da ideia de que *gays* são mais expressivos e/ou apresentam trejeitos diferentes das demais pessoas cujas orientações sexuais (não) são a homossexualidade? Caso exista uma expressividade única desses sujeitos, quais são os parâmetros subjacentes à prosódia visual que podem evidenciar singularidade gestual?

Uma vez que, neste estudo, relacionamos dois grandes fenômenos, prosódia visual e sexualidade humana, optamos por analisar um evento prosódico para observar o comportamento prosódico visual de sujeitos *gays* cisgêneros: a ênfase. Logo, investigamos esse fenômeno-base quando é marcado por gestos faciais e gestos manuais de sujeitos *gays* e sujeitos não *gays*. A escolha de estudar esse evento em específico decorre da necessidade de explorar as diversas possibilidades de expressão linguística humana, além de acreditarmos que esse evento prosódico possa ser uma aposta promissora para responder à nossa pergunta de pesquisa, apresentada a seguir.

Dito isso, buscamos responder, neste trabalho, à seguinte questão central: há um padrão prosódico visual específico comum entre *gays* cisgêneros ao produzirem ênfases? Acompanhada à questão norteadora, a hipótese que trazemos é de que, ao produzirem ênfases,

⁴ Adotamos esse termo porque geralmente diz respeito a homens que “possuem uma performance corporal mais feminina” (Reis, 2012, p. 80).

sujeitos *gays* cisgêneros apresentam um padrão prosódico visual próprio. A partir disso, temos condições para discutir as percepções acerca dos julgamentos sobre a expressividade de sujeitos *gays*.

Para responder à pergunta e testar nossa hipótese, investigamos padrões gestuais das ênfases produzidas por sujeitos *gays* e sujeitos não *gays* cisgêneros na produção de ênfases. Para tanto, elaboramos os seguintes objetivos específicos: a) mapear os gestos faciais e manuais de cada sujeito *gay* cisgênero e cada sujeito não *gay* cisgênero selecionados, que somam 6 (seis) sujeitos pesquisados, sendo 3 (três) *gays* cisgêneros e 3 (três) homens não *gays* cisgêneros; b) contrastar as ocorrências desses sujeitos, observando os gestos que marcam as suas ênfases.

Com isso, apresentamos a seguinte estrutura desenhada para este artigo: a) a presente seção, a introdução, em que apresentamos o tema e sua contextualização, a pergunta central, a hipótese e os objetivos; b) a seção 1, na qual discutimos conceitos cruciais ao estudo: gesto, prosódia visual e ênfase; c) a seção 2, em que demonstramos a tentativa de compreender como sujeitos *gays* se expressam linguisticamente; d) a seção 3, relativa aos pressupostos teórico-metodológicos, em que apresentamos o processo metodológico adotado neste trabalho; e) a seção 4, com a apresentação dos resultados, de modo que possamos discuti-los; e f) as considerações finais.

1 Gesto, prosódia visual e ênfase

Nesta seção, apresentamos as principais contribuições para o entendimento, a observação e a análise dos elementos fundamentais do nosso estudo: gesto, prosódia visual e bem como do nosso fenômeno-base, a ênfase.

1.1 Gestos

Se a fala é um caminho para compreendermos como funcionam os pensamentos humanos, certamente os gestos também ocupam um espaço considerável para entendermos melhor a nossa espécie. Nesse sentido, McNeill (1992), um dos principais teóricos na área de gestos, dedica-se a explorar esses fenômenos como uma materialidade do pensamento humano em sua obra *Mão e Mente: o que gestos revelam sobre o pensamento* (tradução nossa⁵). Assim como o autor, nessa e em outras obras (McNeill, 1985, 1992), diversos pesquisadores, como

⁵ *Hand and Mind: What Gestures Reveal about Thought* – título original da obra (McNeill, 1992).

McNeill e Duncan (2000) e Kendon (2004), defendem o funcionamento dos gestos por meio da matriz fala-gesto, um fenômeno que diz respeito à relação de movimentos corporais com a fala.

Assim, estudiosos que defendem a existência dessa matriz, conseqüentemente, postulam a correlação entre gesto e fala; são exemplos os autores McNeill e Duncan (2000) e Hostetter e Alibali (2008). Para os primeiros especialistas (2000), os gestos são como uma janela maior para o pensamento humano e são símbolos que expressam a mesma ideia subjacente à fala, de mesma origem semântica. Do mesmo modo, Hostetter e Alibali (2008) tomam os gestos como recursos que partem do mesmo sistema da fala, sendo, apesar de diferentes, inseparáveis. Além disso, McNeill (1985) considera algo semelhante às ideias dos outros autores citados: a fala e o gesto são entidades de uma mesma estrutura psicológica e compartilham um mesmo estado computacional.

A fim de compreendermos melhor o que são os gestos, temos que, para Kendon (2004), os gestos são ações corporais nas quais usamos movimentos de braços, pernas, tronco e expressões faciais para demonstrarmos nossas intenções interacionais e como estamos engajados na comunicação. Logo, assim como a fala, utilizamos os gestos como “artefatos” que potencializam nossa interação comunicativa.

McNeill (1992, p. 105) também se encarrega de classificar os gestos como fenômenos que são importantes à linguagem, afastando-nos da ideia de que eles são meros movimentos aleatórios ou apenas braços balançando aleatoriamente no ar. Para o autor, esses fenômenos apresentam significados designados por quem os expressa. Dessa forma, podemos observar que, tanto em Kendon (2004) quanto em McNeill (1992), os gestos podem ser categorizados e padronizados, como podemos observar a seguir.

Visto que os gestos podem ser organizados em categorias, partimos das classificações de Kendon (1982 *apud* McNeill, 2006), denominado de o “contínuo de Kendon”⁶. Nesse esquema, em que os autores focam suas atenções para os gestos corporais e manuais, i.e., movimentos de braços e mãos, o contínuo de Kendon, organizado por McNeill (2006, p. 1-3), é composto por 5 (cinco) classificações: gesticulação, gestos preenchedores⁷, emblemas, pantomimas e sinais. Dentre essas classificações, vale ressaltar que apenas a gesticulação e os gestos preenchedores são importantes para o presente estudo, visto que, segundo McNeill

⁶ “*Continuum* de Kendon” é uma designação comumente encontrada em artigos científicos, livros e trabalhos em geral, como o de McNeill (1992), por exemplo.

⁷ O termo em inglês, “*speech-framed gestures*”, foi proposto por McNeill (2006) e traduzido por Almeida e Cavalcante (2018).

(2006), os gestos do tipo gesticulação e preenchedores do contínuo apresentam presença de fala durante sua produção e não são convencionalizados. Além disso, esses gestos são sincrônicos e coexpressivos com a fala (McNeill; Duncan, 2000) como, no nosso caso, gestos produzidos em sincronia com ênfases na fala dos sujeitos.

Diante disso, os autores citados concordam que a linguagem depende tanto da fala quanto dos gestos para a interação. Da mesma forma, defendemos tal princípio, que norteia o presente trabalho.

1.2 Prosódia visual

Classicamente, os estudos sobre prosódia sempre foram focados em aspectos de produção e percepção da fala. No entanto, nos últimos tempos, pesquisadores voltaram suas atenções para a prosódia da fala associada a gestos, comprovando que movimentos corporais e faciais podem conter informações prosódicas. Desse modo, o campo de estudo prosódico expandiu-se para além da prosódia da fala, o que nos leva ao que conhecemos hoje na literatura como “prosódia visual” (termo mais comum na literatura). Para endossar a pertinência desse fenômeno, apresentamos alguns estudos clássicos e mais recentes acerca do tópico.

Começamos por Krahmer *et. al.* (2002), que afirmam que a percepção do foco, característica presente em ênfases, não se limita à percepção do acento do *pitch*. Os autores observam que tal percepção também é provocada por movimentos de sobrancelhas. Nesse sentido, mostra-se a ligação fundamental de pistas acústico-visuais na comunicação.

Swerts e Krahmer (2008), por meio de dois experimentos, constatam que acento de *pitch* (parâmetro auditivo) e gestos manuais e faciais, como movimento de cabeça e sobrancelhas, são importantes para a produção e para percepção de palavras em destaque/mais importantes em um enunciado. Sendo assim, conforme os autores, a proeminência (neste caso, a ênfase) é manipulada por aspectos da matriz gesto-fala.

Pacheco (2011) afirma que a percepção de ênfases tende a ser mais precisa não só por meio de sinais acústicos característicos de variação melódica de *pitch*, mas também de pistas visuais. A autora conclui que movimentos corporais e faciais são importantes para maior inteligibilidade de ênfases, sobretudo quando fala e gesto são sincronizados.

A fim de continuar apresentando e endossando o que temos como prosódia visual, destacamos o estudo de Pacheco e Oliveira (2016), no qual as estudiosas buscam encontrar a relação entre gestos e tons ascendentes (usualmente, ênfases) e descendentes (atenuação). O resultado das autoras confirmou sua hipótese principal: ênfases são comumente marcadas por

gestos ascendentes (e.g. elevação de cabeça, maior abertura de olhos), enquanto atenuações tendem a ser acompanhadas por gestos descendentes. Sendo assim, os achados das autoras evidenciam a estreita relação entre aspectos acústicos e gestuais e a sincronização entre eles.

Baills, Baumann e Rohrer (2023) estudam a relação de acento de *pitch*, movimento de cabeça e percepção de proeminência prosódica em aprendizes de francês como segunda língua. Segundo os autores, os resultados sinalizam que há uma relação direta entre movimentos de cabeça (neste caso, aceno) e saliências com tons altos, característica comum de ênfases.

Da mesma forma, Pagel *et. al.* (2023) reforçam a pertinência dos movimentos de cabeça na produção de proeminência. Para os autores, que observaram o comportamento desses movimentos na fala habitual e na fala em voz alta (com maior intensidade e frequência fundamental), os movimentos de cabeça acompanham o esforço de produção a depender dos tipos de fala supracitados. Desse modo, em caso de fala em voz alta, os movimentos de cabeça são maiores e mais rápidos.

1.3 Ênfases

Uma vez que a ênfase é o evento prosódico avaliado no presente trabalho, apresentamos aqui um conceito sobre esse recurso linguístico.

O recurso pode ser compreendido por perspectivas linguísticas diversas, seja pela sintaxe, pela morfossintaxe, pela fonética, seja por outros campos linguísticos. Nesse sentido, as ênfases podem ser tidas como entidades prosódicas que promovem efeitos de “pôr em evidência”, intensificar, destacar ou até mesmo focar algo.

Gonçalves e Costa (1995, apud Gonçalves, 1998a) afirmam que “ênfase e foco [são] conceitos bastante próximos, mas definíveis em planos distintos” (p. 74). Segundo o autor, esses dois fenômenos se distinguem por características prosódicas específicas. Para ele, a ênfase tem uma natureza paradigmática, ao passo que o foco é uma noção sintagmática, precisamente. Gonçalves (1998a) entende que “a ênfase envolve a seleção, dentro de cada unidade informacional, de um certo elemento como ponto de proeminência. Pode ser definida, dessa maneira, como o ‘destaque’ (tradução nossa) dado pelo falante a uma parte do enunciado.” (p. 74-75).

Gonçalves (1998b, p. 32) considera o termo focalização como sinônimo de ênfase e assim o entende como: “focalização o ato de focalizar, ou seja, de acentuar, de ressaltar, de pôr em relevo/realce/ evidência um determinado item do texto [...]”. Para esse autor, a focalização compreende o destaque da parte do enunciado que o falante chama a atenção do ouvinte,

podendo, portanto, ser motivada por mecanismos morfossintáticos ou prosódicos (consequências de elementos físicos como frequência fundamental, duração e intensidade).

Assim, de forma a sumarizar a vasta discussão do que é a ênfase (na perspectiva fonética ou fonológica), selecionamos o conceito defendido por Gonçalves (1998a; 1998b), no qual ele toma ênfase como um recurso linguístico que realça, ressalta um determinado constituinte em um enunciado.

2 Gays: uma tentativa de conceitualização

Neste momento, cabe-nos uma discussão, mesmo que breve, mas importante para o nosso estudo: nossa compreensão sobre o ser “sujeito *gay*”. Após isso, apresentaremos alguns estudos que buscam compreender se há peculiaridades fonéticas na fala desses sujeitos.

Em nosso trabalho, buscamos refletir acerca do sujeito do sexo masculino cuja orientação sexual é a homossexualidade. Para nós, a pessoa *gay*⁸ está além do que sua orientação sexual define. “*Gay*” pode ser entendido como um jeito de ser, uma atitude, sempre vinculado a orientação sexual “homossexualidade”, mesmo que essa perspectiva de compreender tais sujeitos seja questionável e, muitas vezes, problemática. Isso pode ser observado quando a palavra, pela primeira vez veiculada em um filme norte-americano, *Levada da Breca* (1938), foi colocada em um contexto que reforça o jeito de alguém ser “espalhafatoso”, “exótico”, “bizarramente expressivo”.

No filme, um personagem, ao imitar a frase “Eu fiquei *gay*, de repente”⁹ (tradução nossa), pula de forma exagerada, trajando roupas consideradas não masculinas, inferindo que há algo na materialidade do enunciado “*gay*” que é tido como um jeito contrário ao que se entende como “contido”, “moderado” etc.

Se observarmos a caracterização de personagens *gays* icônicos de programas de entretenimento (novelas, programas de humor etc.) da televisão brasileira, esbarramos em um fato curioso de que a caracterização desses personagens é quase sempre a mesma: homens extremamente expressivos, expansivos gestualmente etc. Certamente, se há uma insistência na caracterização de personagens *gays*, ela parte da ideia social de que há uma expressividade

⁸ Aqui entendemos “*gay*” como, exclusivamente e unicamente, um homem homossexual, respeitando a comunidade lésbica, constituída por mulheres homossexuais, que, por sua vez, ainda podem ser tidas como mulheres *gays*, uma ideia que não tomamos em nosso estudo. Por isso, optamos por utilizar apenas o termo “*gay*”, a fim de evitarmos qualquer generalização sobre a comunidade homossexual, uma vez que essa é composta tanto por *gays* quanto por lésbicas.

⁹ *I just went gay all of a sudden.*

única de sujeitos *gays*. Aparentemente, no imagético da nossa cultura, há uma expectativa da expressão da homossexualidade em homens muito delimitada. Em termos linguísticos (na fala isolada ou concomitante aos gestos), espera-se que *gays* apresentem alguma característica específica, seja pela voz, pelo modo de falar, ou seja pela forma de gesticular, entre outros fenômenos.

Muito disso, dessas percepções, desses dizeres e julgamentos, perpassam pelo que a filósofa Judith Butler recorrentemente traz em suas discussões, a heterossexualidade compulsória. Em Butler (2003), temos que esse fenômeno delimita os conceitos de sexo e gênero, que, por sua vez, são determinados pela repetição de valores heterossexuais, considerados como normais e corretos. Se, segundo Butler (2003), de forma crítica, a heterossexualidade compulsória controla nossa inteligibilidade do gênero, por exemplo; logo, “as ‘pessoas’ só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade do gênero” (Butler, 2003, p. 42). Isso nos leva à figura “perfeita” dessa inteligibilidade, o homem heterossexual masculino. Sendo assim, a pessoa *gay* por si só já causa estranhamento no que reconhecemos socialmente, culturalmente e politicamente como “homem”, sobretudo se esse não atender à masculinidade esperada. Em outras palavras, podemos dizer que *gays*, principalmente afeminados/não masculinos/não masculinizados, rompem com os conceitos de sexo e gênero instaurados pela heterossexualidade compulsória.

Isso escapa do controle da heterossexualidade compulsória quando um homem heterossexual não atende às expectativas de gênero exigidas pela sociedade; e conseqüentemente sua orientação sexual, bem como o seu espectro de *gayness* (o quão *gay* a pessoa possa ser ou não) são questionados. Observemos, por exemplo, um homem sem virilidade, sensível, que caminha de forma menos vigorosa, sem reforçar os estereótipos de masculinidade em geral. Possivelmente, esse sujeito será questionado em relação a sua sexualidade ou será apontado como *gay*.

Percebamos, então, como tudo isso pode sinalizar a complexidade da percepção da sexualidade e do gênero de sujeitos *gays*, assim como de sujeitos não *gays*.

2.1 A fala *gay*

Podemos encontrar na literatura uma gama de estudiosos que se esforçam para compreender características próprias acerca da fala *gay*, ou como também podemos encontrar, do “soar *gay*” (SENE, 2022). Apesar de esses autores não se arrisquem em trazer o que eles

entendem como “gay”, “homossexuais”, “fala gay”, consideramos relevante a apresentação de alguns dos estudos mais clássicos e mais recentes sobre o que pode caracterizar a “fala gay”.

Gaudio (1994) conduziu uma pesquisa, na qual o autor analisou as percepções dos ouvintes em relação à identidade sexual, considerando a orientação sexual real de quatro homens autodeclarados heterossexuais e quatro autodeclarados *gays*. 13 (treze) ouvintes, sendo 10 (dez) mulheres e 3 (três) homens, foram expostos a 16 (dezesesseis) trechos de fala desses 8 (oito) locutores, conseguindo acertar com precisão a orientação sexual em 7 (sete) das 8 (oito) situações. Gaudio (1994) concluiu que, embora a frequência fundamental (F0) possa desempenhar um papel na identificação da orientação sexual de um falante, tal identificação deve ser avaliada, considerando a totalidade da fala e o contexto da conversa.

No estudo de Rogers, Smyth e Jacobs (2000), foi realizado um exame sobre a duração das fricativas alveolares surdas e sonoras produzidas por 17 (dezesete) homens autodeclarados *gays* e 8 (oito) heterossexuais, sendo avaliados por 46 (quarenta e seis) ouvintes. Os resultados indicaram que os avaliadores associaram a categoria “fala que soa mais gay” a fricativas produzidas com maior duração e frequência mais elevada das fricativas /s/ e /z/.

Posteriormente, o estudo de Rogers e Smyth (2003) abordou a influência das características acústicas, especificamente a média da F0 e a variabilidade da frequência fundamental, na percepção da sexualidade por parte de uma audiência em relação a 25 (vinte e cinco) oradores. Os pesquisadores conduziram três experimentos para investigar a possível correlação entre essas características e as percepções subjetivas da orientação sexual. Eles destacaram que, apesar de não ter sido identificada uma correlação acústica concreta entre as propriedades reais da frequência fundamental de um orador e as percepções de sua orientação sexual, os ouvintes mantêm a expectativa dessa correlação (Rogers; Smyth, 2003). Os autores ainda afirmam que essa expectativa pode influenciar a interpretação do tom pelos avaliadores, o que, por sua vez, pode estar embasada em preconceitos.

Levon (2006) investigou a complexidade das avaliações subjetivas relacionadas à sexualidade com base em características da fala. O autor avaliou a duração silábica, considerando as posições das palavras, das sílabas (i.e. ataque e coda) e suas tonicidades. Além disso, ele examinou a percepção da frequência fundamental da fala de um sujeito masculino. Levon (2006), após manipular essas variáveis, concluiu que a manipulação da duração das sílabas e da F0 não foi suficiente para alterar as percepções dos ouvintes. Ademais, o autor indicou que as percepções de sexualidade estão interligadas a construtos mais amplos de personalidade e identidade pessoal.

Kachel, Simpson e Steffens (2018) investigaram estereótipos de fala associados a homens alemães *gays* e heterossexuais, examinando a possível relação entre os correlatos acústicos da orientação sexual real e percebida, e sua relação com masculinidade/feminilidade. Na metodologia, 25 (vinte e cinco) oradores *gays* e 26 (vinte e seis) heterossexuais participaram, fornecendo dados para avaliações detalhadas, incluindo aspectos psicológicos e estereótipos de fala. As gravações foram analisadas quanto a parâmetros acústicos, sendo 74 (setenta e quatro) ouvintes responsáveis por categorizar os oradores (Kachel; Simpson; Steffens, 2018). Os resultados destacaram estereótipos implícitos, indicando que oradores percebidos como mais "heterossexuais" apresentaram características acústicas específicas. Contudo, ao considerar a orientação sexual real, apenas os homens heterossexuais mostraram diferenças específicas na frequência fundamental.

No estudo de Liem (2019), o autor buscou investigar a prosódia produzida por *gays* holandeses, comparando-a à fala de homens heterossexuais da mesma nacionalidade. Utilizando dados de fala natural obtidos por meio de entrevistas sociolinguísticas informais, não foram encontradas evidências que sustentassem a conclusão de que a fala de homens *gays* holandeses seja distintiva em relação à fala de homens heterossexuais, com base nas características acústicas investigadas pelo autor. Para a apresentação, Liem (2019) trouxe um estudo sobre características como o centro de gravidade da frequência espectral do pico da fricativa /s/, a altura média da voz, a extensão tonal, a entoação (variabilidade tonal ao longo do tempo), a taxa de elocução e a taxa de articulação.

Dois anos depois, Barbuio e Paulino (2021) observaram a variabilidade de *pitch* para analisar a percepção da fala de 14 (quatorze) homens, sendo 7 (sete) sujeitos autodeclarados homossexuais e 7 (sete) sujeitos heterossexuais também autodeclarados. Avaliada por 3 (três) grupos de 25 (vinte e cinco) pessoas cada, os autores afirmaram que a média de variabilidade da F0 produzida pelos informantes do grupo de homossexuais foi cerca de 46% (quarenta e seis) maior do que a do grupo heterossexual. Assim, Barbuio e Paulino (2021) sugerem a existência de alguns aspectos fonéticos universais que são característicos de uma "fala *gay*".

Como podemos observar, os estudos apresentados, ainda que não sejam voltados à prosódia visual, provêm da área da prosódia, sobretudo no âmbito perceptual da fala. Nesses estudos, os pesquisadores buscam identificar parâmetros que sejam relevantes na identificação da "fala *gay*". Nos parece que as tentativas, na maioria dos casos, chegam a um momento lugar: não há algo, na fala, que seja exclusivamente *gay*.

3 Pressupostos teórico-metodológicos

Dado o objetivo de investigar os gestos faciais e manuais produzidos por sujeitos *gays* e não *gays* cisgêneros durante a realização de ênfases, utilizamos uma metodologia de caráter quali-quantitativo, por meio de dados naturalísticos, em que o processo metodológico se deu, primeiramente, pela seleção dos sujeitos e de vídeos disponibilizados nos seus canais da plataforma de *streaming* Youtube (youtube.com). Em função disso, obtivemos o cadastro aprovado conforme Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) Nº 45141820.8.0000.0055, para licenciar a execução da pesquisa.

Com isso, buscamos homens cisgêneros, maiores de 18 (dezoito) anos, falantes do Português Brasileiro (PB), que trabalham como *youtubers*, produtores de conteúdos publicados na plataforma de vídeo e música Youtube. Os *youtubers gays* abordam assuntos do mundo das celebridades e famosos, sobre *reality shows* etc., ao passo que os produtores de conteúdo não *gays* tratam de novidades do universo *geek*: histórias em quadrinhos (HQ), mangás, filmes de heróis e games. Isso posto, selecionamos seis *youtubers*, sendo três sujeitos *gays* e, para fins de comparação, três não *gays*. Para organização metodológica, dividimos os sujeitos em dois grupos: grupo *gay* e grupo não *gay*.

Após isso, identificamos as ênfases encontradas nas ocorrências dos dois grupos pesquisados (*gay* e não *gay*) para que a etapa de mapeamento dos movimentos faciais e gestuais de fato ocorresse. Assim, descrevemos os gestos marcados com ênfase para cada grupo e, por meio de uma análise comparativa, contrastamos as ocorrências entre sujeitos *gays* e não *gays*.

Para a identificação dos sujeitos do grupo *gay*, observamos que os *youtubers* declaram, publicamente, sua orientação sexual. Eles costumam enfatizar a homossexualidade em seus vídeos e interações em redes sociais como *Instagram*, *Twitter*, *Youtube* etc. Os sujeitos ressaltam orgulhosamente o fato de serem *gays* e usam disso, inclusive, como pauta de seus conteúdos para as redes sociais.

Já para a seleção e tipificação dos sujeitos não *gays*, essas foram estabelecidas por meio de um contraste em relação aos critérios utilizados na seleção dos sujeitos do grupo *gay*. Assim, uma vez que os sujeitos do grupo-controle (i.e., grupo não *gay*) não apresentaram as mesmas características dos sujeitos *gays* – como a autodeclaração explícita da orientação sexual e traços comportamentais comumente julgados como típicos de pessoas *gays* (e.g. voz mais melodiosa, trejeitos socialmente considerados menos ou nada *viris* etc.) –, assumimos esses sujeitos como não *gays*.

Aqui, é importante ressaltar que a seleção e a tipificação quanto às orientações sexuais dos sujeitos foram feitas em meados do ano de 2021. Essa informação é importante, pois compreendemos que a sexualidade humana é fluida, ou seja, pode variar ou mudar livremente.

Em outra etapa relacionada à seleção das ênfases, dedicamos um momento exclusivo à notação desses eventos prosódicos produzidos por cada um dos sujeitos. Com isso, selecionamos, de forma oitiva, os eventos de ênfase que foram anotados para análise.

Mais à frente, na segunda etapa, tratamos o *corpus*. Selecionamos 11 (onze) vídeos sob alguns critérios obrigatórios: mais de um vídeo para cada sujeito selecionado e enquadramento em que a face, o pescoço, o tronco, os braços e as mãos estivessem visíveis. Para a notação dos gestos, todos os vídeos deveriam ter um enquadramento focal/aberto em que braços, mãos e face estivessem em evidência durante a emissão da ênfase, para que assim pudéssemos ter análises gestuais mais precisas. Caso não fosse possível anotar os movimentos com precisão, descartávamos a análise gestual em questão. Ou seja, não analisamos os gestos nos casos em que, durante a produção das ênfases, havia figuras/imagens sobrepostas aos movimentos faciais e manuais ou o enquadramento da câmera que não nos permitia observá-los.

Com isso, após selecionarmos os sujeitos e lidarmos com o *corpus*, tratamos dos dados, anotando, quantificando e descrevendo os movimentos faciais e manuais presentes nas ênfases produzidas pelos sujeitos dos grupos *gay* e não *gays*. A fim de aprimorar as análises dos dados, utilizamos dois recursos disponibilizados na plataforma *online* do Youtube: ferramenta de tela cheia e de velocidade de reprodução, em que utilizamos a de 0.25 (um quarto de um segundo), que é a mínima permitida na plataforma.

Todo o processo foi realizado em cerca de 75 (setenta e cinco) minutos, dos quais 30 (trinta) minutos foram reservados para análise da prosódia gestual produzida pelo grupo *gay* e outros 30 (trinta) minutos para análise dos dados dos sujeitos não *gays*. O tempo restante, de 15 (quinze) minutos aproximadamente, foi utilizado para transcrevermos e tabularmos informações necessárias retiradas dos vídeos.

Já as análises gestuais ocorreram com base nos sistemas de código de ações faciais de Ekman e Friesen (1976) e gestual de Bressemer (2013), para gestos faciais e manuais, respectivamente. Assim, realizamos análises de cada sujeito *gay* cis, depois de cada sujeito não *gay* cis, vice-versa. Quanto às contribuições dos autores supracitados, neste momento apresentamos esses sistemas (Bressemer, 2013; Ekman; Friesen, 1976).

Em uma perspectiva articulatória puramente gestual, Bressemer (2013), que busca construir uma “gramática de gestos”, traz uma “fonética dos gestos”, na qual sistematiza apenas

movimentos corporais/manuais. Essa proposta considera quatro grandes parâmetros: formato das mãos, orientação de palma(s), movimento e posição espacial referente ao corpo do falante. A seguir, apresentamos um quadro que discrimina os parâmetros, os subparâmetros e suas partes, conforme Bressemer (2013).

Gestos	Formato das mãos	Orientação das palmas	Tipos de movimento	Direção do movimento	Posição do movimento
- Duas mãos; - Mão direita; - Mão esquerda.	- Fechada; - Aberta; - Um dedo; - Combinação de dedos.	- Baixo; - Cima; - Vertical; - Horizontal; - Diagonal.	- Direto; - Em arco; - Circular; - Em ziguezague; - Em “s”; - Em espiral.	- Para baixo; - Para cima; - Para esquerda; - Para direita; - Para perto; - Para longe.	- Pequena; - Média; - Longa.

Quadro 1 — (Sub)parâmetros de análise dos movimentos manuais para esta pesquisa
Fonte: Elaboração própria, baseada em Bressemer (2013) e Dias (2018).

No quadro anterior, apresentamos sinteticamente as contribuições metodológicas sobre gestos corporais à luz de Bressemer (2013) e Dias (2018). Sendo assim, para além dos (sub)parâmetros de Bressemer (2013), utilizamos o parâmetro “gestos”, proposto por Dias (2018), em que a autora considera se apenas uma ou as ambas as mãos são utilizadas para constituir o movimento.

A proposta de Ekman e Friesen (1976), apesar de não estar comprometida com a interação linguística, tem se mostrado eficaz para nomear, identificar e estudar quais gestos faciais são importantes para uma investigação prosódica visual. O sistema de código de ações faciais (FAC – *Facial Actions Code*) foi criado para identificar as emoções relacionadas a cada unidade de ação (doravante AU, tradução de *Action Unity*) que faz parte de cada músculo da face.

No quadro a seguir, trazemos uma breve seleção de algumas unidades de ação propostas por Ekman e Friesen (1976).

Categoria de AU	AU	Descrição, respectivamente à lista de AUs
------------------------	-----------	--

Relacionada a músculos faciais específicos	1; 2; 4;	Levantamento de sobrancelha interna; Levantamento de sobrancelha externa; Abaixamento de sobrancelha;
Posição de cabeça	51; 52; 55; 56;	Cabeça virada para esquerda; Cabeça virada para direita; Cabeça inclinada para esquerda; Cabeça inclinada para direita;
Posição dos olhos	61; 62; 63; 64;	Olhos virados para esquerda; Olhos virados para direita; Olhos para cima; Olhos para baixo;

Quadro 2 — Exemplos de AUs (unidades de ação) (Ekman; Friesen, 1976).

Fonte: Elaboração própria, com base em Ekman e Friesen (1976).

Como podemos observar no Quadro 2, Ekman e Friesen (1976) registraram diversos movimentos faciais (terceira coluna), considerando as partes da face (primeira coluna) presentes em cada gesto. A fim de organizá-los, os autores propuseram as AUs (segunda coluna).

Apresentadas as contribuições de Bressemer (2013) e Ekman e Friesen (1976), retomamos algumas considerações importantes ao nosso processo teórico-metodológico. Sobre isso, observamos as ênfases à luz de Gonçalves (1998a, 1998b) de forma oitiva, pois acreditamos que o conceito trazido pelo autor nos permite identificar esse evento prosódico por meio da percepção fonética.

4 Resultados e discussão

Após todo o percurso teórico-metodológico, analisamos os gestos faciais - proposto por Ekman e Friesen (1976) - e os gestos manuais (Bressemer, 2013; Dias, 2018). Consideramos todos os parâmetros e subparâmetros trazidos nestes estudos, dispensando outros movimentos não listados pelos autores.

Isso posto, apresentamos, primeiramente, a soma das ênfases encontradas em todo estudo. Obtivemos um total de 345 (trezentos e quarenta e cinco) ocorrências, distribuídas entre 106 (cento e seis) ênfases produzidas pelo grupo *gay* e 239 (duzentos e trinta e nove), pelo grupo não *gay*.

Entre essas ocorrências, apenas 9 (nove) ênfases não foram marcadas gestualmente. Observamos que 1 (um) sujeito do grupo *gay* produziu 1 (uma) ênfase sem gestos faciais, porém com a presença de gestos manuais; 1 (uma) ênfase apenas com gestos manuais, sem gestos faciais; e 1 (uma) sem qualquer tipo de gestos. Além disso, 1 (um) sujeito não *gay* produziu 4 (quatro) ênfases apenas marcadas por gestos manuais, sem gestos faciais, e 2 (duas) totalmente realizadas sem movimentos manuais e faciais. Com isso, temos que os gestos são fenômenos importantes à expressão prosódica em uma interação, visto que o número de ênfases realizadas sem algum ou todo tipo de gestos é consideravelmente menos expressivo frente às ênfases marcadas gestualmente. Neste momento, apresentamos a quantificação das ocorrências de movimentos faciais realizados pelos sujeitos de pesquisa ao produzirem ênfases, na Tabela 1. Observemos.

Tabela 1: Movimentos faciais produzidos por sujeitos *gays* durante a realização de ênfases (com base em Ekman e Friesen (1976))

AUs identificadas nos movimentos faciais	Sujeito 1	Sujeito 2	Sujeito 3
Levantamento de sobrancelhas	21	-	4
Abaixamento de sobrancelhas	2	-	6
Cabeça para esquerda	2	10	1
Cabeça para direita	-	-	6
Cabeça para cima	6	5	14
Cabeça para baixo	11	8	7
Cabeça inclinada para esquerda	3	-	11
Cabeça inclinada para direita	2	1	5

Fonte: Elaboração própria.

Conforme a Tabela 1, podemos observar que os sujeitos *gays* não apresentaram um quadro de movimentos que pudesse apontar para um padrão prosódico gestual facial para marcar de ênfases. Nessa tabela, notamos uma discrepância entre os sujeitos, uma vez que alguns deles priorizaram o levantamento de sobrancelhas e cabeça, ao passo que outros apresentaram um número maior de ênfases marcadas por abaixamento dessas mesmas partes.

Diante desse achado, observamos, neste ponto, que o nosso trabalho se aproxima do que Pacheco e Oliveira (2016) encontraram, isto é, as ênfases tendem, apesar de não exclusivamente, a ser marcadas gestualmente por movimentos ascendentes. Além disso, nossos

dados sinalizam uma concordância com o que afirmam Krahmer *et. al.* (2002) e Swerts e Krahmer (2008): movimentos de sobrelanceiras e de cabeça são importantes na produção de ênfases.

Na Tabela 2, verificamos como as ênfases, produzidas pelos mesmos sujeitos, foram marcadas por gestos manuais. Nesse caso, os critérios de classificação foram baseados em Bressemer (2013). Vejamos.

Tabela 2: Movimentos manuais produzidos por sujeitos *gays* para marcar ênfases (com base em Bressemer (2013))

Movimentos manuais		Sujeito 1	Sujeito 2	Sujeito 3
Critério de “gesto”	Apenas mão esquerda	8	-	8
	Apenas mão direita	4	5	7
	Duas mãos	18	19	5
Critério de “configuração da(s) mão(s)”	Combinação de dedos	15	4	6
	Aberta	8	14	9
Critério de “orientação da(s) palma(s)”	Vertical	15	8	-
	Diagonal	10	11	1
	Cima	9	5	9
	Horizontal	4	4	8
Critério de “tipo de movimento”	Em arco	11	6	10
	Direto	14	14	8
Critério de “direção da(s) mão(s)”	Para cima	11	11	5
	Para baixo	13	8	11
Critério de “posição dos movimentos”	Pequena	6	9	11
	Média	15	13	6
	Longa	15	4	5

Fonte: Elaboração própria.

Na Tabela 2, podemos avaliar que há uma tendência em relação aos parâmetros que definem os gestos manuais para ênfases produzidas pelos sujeitos 1 e 2. Estes sujeitos sinalizam uma preferência por marcar ênfases utilizando duas mãos; com orientação das palmas na vertical, diagonal e na horizontal; com tipo de movimento direto; direcionando suas mãos para

cima e para baixo, posicionando-as em distâncias variadas. Contudo, o terceiro sujeito não segue a mesma tendência dos demais sujeitos de seu “grupo”. Ele prefere usar apenas uma das mãos; com a mão aberta; palmas para cima e na horizontal; movimentando-as em arco (apesar de também usar o movimento direto como os demais sujeitos); com direção das mãos para baixo; e priorizando a distância pequena do movimento.

Posto isso, diferentemente do que foi encontrado na produção de gestos faciais produzidos pelo grupo *gay*, os gestos manuais foram marcados, em sua maioria, por gestos de característica descendente, se observamos o subparâmetro “direção das mãos”. Assim, nossos resultados vão de encontro aos achados por Pacheco e Oliveira (2016).

Considerado o mapeamento dos gestos faciais e manuais do “grupo *gay*”, apresentaremos a partir daqui os gestos faciais (Tabela 3) e os gestos manuais (Tabela 4), respectivamente, produzidos pelos sujeitos não *gays* cisgêneros ao realizarem suas ênfases. Assim, utilizamos dos mesmos critérios escolhidos para os sujeitos do “grupo *gay*” (Ekman; Friesen, 1976; Bressemer, 2013; Dias, 2018). Seguem as tabelas.

Tabela 3: Movimentos faciais produzidos por sujeitos não *gays* para marcar ênfases (com base em Ekman e Friesen (1976))

AUs identificadas nos movimentos faciais	Sujeito 4	Sujeito 5	Sujeito 6
Levantamento de sobrancelhas	38	17	16
Abaixamento de sobrancelhas	4	3	-
Cabeça para esquerda	10	7	14
Cabeça para direita	28	-	5
Cabeça para cima	30	29	6
Cabeça para baixo	18	32	14
Cabeça inclinada para esquerda	2	25	5
Cabeça inclinada para direita	21	6	16
Olhos para baixo	4	9	-

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com a tabela 3, os sujeitos não *gays* preferiram marcar suas ênfases com movimentos de sobrancelhas ascendentes, ou seja, levantando essas partes de suas faces. Além disso, observamos que todos os eixos e direções (cima, baixo, direita, esquerda) que envolveram

movimentos de cabeça foram realizados pelos sujeitos, salvo o sujeito 5, que não moveu sua cabeça para direita frente à ênfase.

Um evento inédito se destaca entre todos os sujeitos da pesquisa. Os sujeitos 4 e 5, ambos do “grupo não gay”, apresentaram movimentos de olhos, sendo predominantemente para baixo.

Nesse sentido, temos que os sujeitos não gays, quando marcaram as ênfases com movimentos de sobrancelhas, apresentam uma predominância para o levantamento dessa parte da face; assim, isso evidencia a afirmação de Kraemer *et. al.* (2002). Nesse mesmo sentido, de forma geral, o grupo não gay produziu movimentos esperados por Swerts e Kraemer (2008), i.e., movimentos de cabeça e sobrancelhas. Além disso, assim como os sujeitos do grupo gay, houve uma predominância de gestos ascendentes na produção de ênfases, conforme defendem Pacheco e Oliveira (2016).

A seguir, apresentamos a tabela 4 em que os gestos manuais serão discriminados nas produções de ênfases dos sujeitos não gays cis.

Tabela 4: Movimentos manuais produzidos por sujeitos não gays para marcar ênfases (com base em Bressemer (2013))

Movimentos manuais		Sujeito 4	Sujeito 5	Sujeito 6
Critério de “gesto”	Apenas mão esquerda	-	8	11
	Apenas mão direita	3	23	6
	Duas mãos	49	34	9
Critério de “configuração da(s) mão(s)”	Aberta	22	35	12
	Combinação de dedos	25	21	1
Critério de “orientação da(s) palma(s)”	Vertical	10	17	11
	Diagonal	18	36	8
	Horizontal	18	11	4
Critério de “tipo de movimento”	Em arco	7	17	5
	Direto	39	37	15
Critério de “direção da(s) mão(s)”	Para cima	10	10	12
	Para baixo	26	20	7
	Para esquerda	7	14	5

	Para direita	8	14	4
	Para longe	10	12	8
Critério de “posição dos movimentos”	Pequena	16	10	1
	Média	22	28	6
	Longa	15	30	18

Fonte: Elaboração própria.

A tabela anterior discrimina as ocorrências das ênfases marcadas por diversos critérios de gestos manuais, como proposto por Bressemer (2013) e Dias (2018). Os números revelam que os sujeitos não *gays* preferem marcar suas ênfases utilizando ambas as mãos; configurando suas mãos de forma aberta; com predominância da palma orientada na diagonal; assim como do tipo do movimento direto. O grupo também marcou, em sua maioria, os movimentos em que suas mãos estavam direcionadas para baixo, posicionando-as, preferencialmente, em distâncias médias e longas de seus corpos.

Considerando os gestos manuais, trazemos a mesma observação anteriormente feita para o grupo *gay*: esses gestos foram expressos, em sua maioria, por aqueles de característica descendente, no que toca ao subparâmetro “direção das mãos”. Portanto, mais uma vez, isso aponta para uma discrepância diante do que Pacheco e Oliveira (2016) encontraram.

Nas tabelas 3 e 4, pudemos observar uma maior variedade de critérios e parâmetros em relação aos gestos faciais e manuais que foram produzidos pelos sujeitos não *gays*.

Antes de partirmos às considerações finais, vale ressaltar que nossos resultados corroboram o que também, a princípio, defendem Baills, Baumann e Rohrer (2023), assim como Pagel *et. al.* (2023): movimentos de cabeça são importantes na produção de proeminência, nesse caso, de ênfases. Isso se justifica pela tamanha ocorrência de movimentos de cabeça, de qualquer tipo (ver tabelas 1 e 3), realizados por ambos os grupos de sujeitos investigados. De qualquer modo, de forma geral, é inevitável não observar a pertinência do que se tem discutido na literatura: a linguagem depende da matriz gesto-fala.

Considerações finais

Os resultados encontrados nos sinalizam que os sujeitos, em geral e na maioria das ocorrências, de ambos os grupos, marcam as ênfases com gestos faciais e manuais de diferentes tipos. Esse fato nos revela uma concordância com os estudos-base do nosso trabalho: a prosódia

depende de aspectos além da fala. Nesse sentido, diante dos nossos resultados, reforçamos que a prosódia é um recurso acústico-visual.

Além disso, notamos que os sujeitos não *gays* e *gays* tenderam a marcar a ênfase com gestos faciais ascendentes, o que nos leva a concordar com o que Pacheco e Oliveira (2016) afirmam: ênfases (tons altos/ascendentes) costumam ser produzidas por gestos ascendentes.

Com isso, retomamos nossa pergunta: há um padrão prosódico visual específico entre *gays* cisgêneros ao produzirem ênfases? Como resposta, temos que o grupo *gay* não apresenta uma característica prosódica visual própria em relação à produção de gestos para marcar ênfases. O grupo não *gay*, por sua vez, apresentou uma expressividade ainda maior que o grupo *gay* ao produzir ênfases, independentemente de quaisquer tipos de gestos, o que vai de encontro à nossa hipótese, i.e., ao produzirem ênfases, sujeitos *gays* cisgêneros apresentam um padrão prosódico visual próprio.

Portanto, com os nossos resultados, sinalizamos que as ênfases não são marcadas por gestos que dependem das orientações sexuais dos sujeitos. Esse cenário nos conduz a afirmar que essa categoria da sexualidade humana não é um fator determinante para o desempenho prosódico de qualquer sujeito, o que, conseqüentemente, não atende às expectativas usuais da sexualidade de sujeitos *gays* e não *gays*. Ou seja, para ressaltar: com base nos alcances dos resultados do presente trabalho, a orientação sexual nada tem a ver com a forma como sujeitos *gays* e não *gays* expressam prosódia visual. Por outro lado: os desempenhos prosódicos podem ter origem por meio de outros fatores, por exemplo, emoções etc..

Diante disso, perguntamo-nos: afinal, o que faz a sociedade inferir sobre a homossexualidade de um homem? Qual a complexidade de aspectos e fatores que nos leva a tal apontamento? Se, para nosso estudo, homens não *gays* foram mais expressivos do que sujeitos *gays*, em quais fenômenos fonéticos os dizeres sobre a “expressividade *gay*” se sustentam? A resposta parece mais complexa do que imaginamos.

Sabemos que este trabalho não busca se limitar, mas oferecer um espaço de discussão contínua a fim de chegarmos a uma resposta mais objetiva. Para isso, como mencionado, permaneceremos buscando novos horizontes na área da Fonética, especialmente da prosódia visual junto a contribuições da teoria *queer*.

De todo modo, consideramos a relevância do presente trabalho, que reforça a importância da investigação da prosódia como fenômeno acústico e visual para a comunicação. Além disso, destacamos que este estudo inédito ocupa um espaço ainda escasso na literatura científica: investigações que relacionam prosódia visual e questões acerca da sexualidade

humana. Afinal, há uma demanda social por uma compreensão da possível associação entre aspectos linguísticos a orientações sexuais.

Referências

- ALMEIDA, Andressa Toscano Moura de Caldas Barros de; CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. A multimodalidade como via de análise: contribuições para pesquisas em aquisição de linguagem. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 526-537, mar., 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-4301.2017.2.26403>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/26403/16548>. Acesso em: 8 ago. 2023.
- BAILLS, Florence; BAUMANN, Stefan; ROHRER, Patrick Louis. *The relation between pitch accent types, head movements and perceived prosodic prominence in L2 French*. Praga, 10p. mai., 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/370758034_THE_RELATION_BETWEEN_PITCH_ACCENT_TYPES_HEAD_MOVEMENTS_AND_PERCEIVED_PROSODIC_PROMINENCE_IN_L2_FRENCH. Acesso em: 18 out. 2023.
- BARBUIO, Eduardo; PAULINO, Suzana Ferreira. Percepção de gênero por meio de características acústicas da fala e variabilidade do pitch. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 65, p. 1-21, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-e13450>. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/13450>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- BRESSEM, Jana. A linguistic perspective on the notation of form features in gestures. In: MÜLLER, Cornelia *et al.* (eds.). *Body – Language – Communication: an international handbook on multimodality in human interaction*. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2013. p. 1079-1098.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- CARVALHO, Karla Jordana de Moraes. *Os sentidos subjetivos da homossexualidade em um contexto evangélico*. 2016. 54f. Monografia (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2016.
- DIAS, Karina Damaceno. *Interação entre sinal acústico e gestos na produção de interrogativas em uma amostra do PB, em diferentes atitudes*. 2018. 118f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2018. Disponível em: <https://repositorio.cepelin.org/index.php/repositorioppglintesesdissertaco/article/view/146/127>. Acesso em: 20 nov. 2023.
- EKMAN, Paul; FRIESEN, Wallace. V. Measuring facial movement. *Journal of Environmental Psychology*, Nova Iorque, p. 56-75. set., 1976. Disponível em: <https://www.paulekman.com/wp-content/uploads/2013/07/Measuring-Facial-Movement.pdf>. Acesso em: 1 agosto. 2020.
- GAUDIO, Rudolf Pell. Sounding Gay: Pitch Properties in the Speech of Gay and Straight Men. *American Speech*, v. 69, n. 1, p. 30–57, 1994. DOI: <https://doi.org/10.2307/455948>.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. Ênfase prosódica e variação (socio)linguística. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, n. 1, p. 73–84, jul., 1998a.

Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4482/4456>.

Acesso em: 4 set. 2023.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. Foco e Topicalização: delimitação e confronto de estruturas. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, n. 7, p. 31-50, 1998b.

Disponível em:

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/viewFile/2182/2121>. Acesso em: 5 set. 2023.

HOSTETTER, Autumn B.; ALIBALI, Martha W. Visible embodiment: gestures as simulated action. *Psychonomic Bulletin & Review*, n. 3, p. 495-514, jun., 2008. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/5287824_Visible_embodiment_Gestures_as_simulated_action. Acesso em: 20 jul. 2023.

KACHEL, Sven; SIMPSON, Adrian P.; STEFFENS, Melanie C. “Do I Sound Straight?”: acoustic correlates of actual and perceived sexual orientation and masculinity/femininity in men's speech. *Journal Of Speech, Language, And Hearing Research*, v. 61, n. 7, p. 1560-1578, 13 jul. 2018. DOI: http://dx.doi.org/10.1044/2018_jslhr-s-17-0125.

KENDON, Adam. *Gesture: visible action as utterance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

KRAHMER, Emiel. *et al.* Perceptual evaluation of audiovisual cues for prominence. *7th International Conference On Spoken Language Processing (Icslp 2002)*, Denver, p. 1933-1936, set., 2002. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/221488121_Perceptual_evaluation_of_audiovisual_cues_for_prominence. Acesso em: 28 mar. 2022.

LEVON, Erez. Hearing “gay”: Prosody, interpretation, and the affective judgments of men's speech. *American Speech*, v. 81, n. 1, p. 56–78, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1215/00031283-2006-003>.

LIEM, Quincy. *Does the gay accent exist?: An acoustic comparison between homosexual and heterossexual Dutch male millenials*. 2019. 35f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Linguística) – Universiteit Van Amsterdam Bachelor's Thesis, Amsterdam, 2019.

MCNEILL, David. So you think gestures are nonverbal? *Psychological Review*, n. 3, p. 350-371, jul., 1985. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/229068226_So_You_Think_Gestures_are_Nonverbal. Acesso em: 13 nov. 2020.

MCNEILL, David. *Hand and mind: what gestures reveal about thought*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992. Disponível em:

https://www.google.com.br/books/edition/Hand_and_Mind/3ZZAfNumLvwC?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=david+mcneill+hand+and+mind:+what+gestures+reveal+about+thought&printsec=frontcover. Acesso em: 11 nov. 2020

MCNEILL, David; DUNCAN, Susan. Growth Points in the thinking-for-speaking. In: MCNEILL, David. (ed.). *Language and Gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 141-161.

MCNEILL, David. Gesture: a psycholinguistic approach. In: BROWN, Keith (ed.). *The Encyclopedia of Language and Linguistics*, 2^a ed. Elsevier, Science. Amsterdam; Boston, 2006. p. 1-15. Disponível em:

https://mcneilllab.uchicago.edu/pdfs/gesture.a_psycholinguistic_approach.cambridge.encyclo.p.pdf. Acesso em: 23 jul. 2023.

MOURA, Renan Gomes de; NASCIMENTO, Rejane Prevot. O gay afeminado nas organizações: uma tensão permanente com padrões heteronormativos. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 1, p. 1-15. jul., 2021. DOI: 10.1590/1806-9584-2021v29n165840. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/65840>. Acesso em: 7 set. 2023.

MOVIECLIPS. Bringing Up Baby (4/9) Movie CLIP - I Just Went Gay All of a Sudden (1938) HD. YouTube, ago., 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EQDbDIz1Y0E>. Acesso em: 6 fev. 2021.

OLIVALVES, Luis Fernando. *Masculinidade hegemônica, afeminofobia e sofrimento psíquico à partir da experiência de homens gays*. 2023. 80f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) - Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2023.

PACHECO, Vera. Movimentos faciais e corporais e percepção de ênfase e atenuação. In: III Colóquio Brasileiro de Prosódia da Fala, 2011, Belo Horizonte. Anais do III Colóquio Brasileiro de Prosódia da Fala. Belo Horizonte, 2011. p. 94-96. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_coloquio/article/view/1263/1377. Acesso em: 5 jun. 2021.

PACHECO, Vera; OLIVEIRA, Marian dos Santos. Gestos faciais e corporais e tons alto e baixo: qual a relação? In: MADUREIRA, Sandra (org.). *Sonoridades* [recurso eletrônico]: a expressividade na fala, no canto e na declamação. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016. p. 90-98.

PAGEL, Lena *et al.* A kinematic analysis of visual prosody: head movements in habitual and loud speech. Praga, p. 4130-4134, ago., 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/373340732_A_kinematic_analysis_of_visual_prosody_Head_movements_in_habitual_and_loud_speech. Acesso em: 5 out. 2023.

REIS, Ramon Pereira dos. "Eu tenho medo de ficar afeminado": performances e convenções corporais de gênero em espaços de sociabilidade homossexual. *Revista do NUFEN* [online], São Paulo, v. 4, n. 1, p. 73-87, jun. 2012. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912012000100007. Acesso em: 2 fev. 2024

REIS, Toni. Manual de Comunicação LGBTI+. 2a ed. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI /GayLatino, 2018. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>. Acesso em: 17 set. 2021

ROGERS, Henry; SMYTH, Ron; JACOBS, Greg. Vowel and Sibilant Duration in Gay- and Straight-Sounding Male Speech. *First International Gender and language Association Conference* (IGAIA 1), Stanford, mai., 2000.

ROGERS, Henry; SMYTH, Ron. Phonetic Differences between Gay- and Straight-Sounding Male Speakers of North American English. *The 15th International Congress of Phonetic Sciences*, Barcelona, p. 1855-1858, ago., 2003.

SENE, Marcus Garcia de. *A percepção sociolinguística de gênero e sexualidade: efeitos da duração de /s/ e do pitch médio*. 2022. 214 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Faculdade de Ciência e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2022. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/74946898-830d-4a1f-9618-b442269c9d68/content>. Acesso em: 4 fev. 2024.

SWERTS, Marc; KRAHMER, Emiel. Facial expressions and prosodic prominence: effects of modality and facial area. *Journal of Phonetics*, The Netherlands, v. 36, n. 2., p. 219-238, 2008. Disponível em: <https://pure.uvt.nl/ws/files/1038945/facial.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2023.

Recebido em 06 de março de 2024
Aceito em 20 de outubro de 2024